



## ROMA/PARIS/BOLONHA

### Salão do Livro de Paris 20/25 de maio de 1998

Este ano a ida à tradicional Feira de Livros de Bolonha, ocorrida de 2 a 5 de abril, foi antecipada. Em Paris, o Brasil era o convidado de honra do 18º Salão do Livro, e a promoção da leitura e o livro infantil tinham de estar presentes. Institucionalmente, isto foi possível graças ao convite feito pela Fundação Biblioteca Nacional para representarmos o Proler e a FNLIJ.

Assim, participamos, logo no primeiro dia, das homenagens prestadas pela prefeitura parisiense aos editores e escritores brasileiros. O café da manhã, no belíssimo prédio da prefeitura, possibilitou um clima especial. Entre as várias medalhas entregues, a que mais de perto tocou à FNLIJ foi a oferecida a Ziraldo, o homenageado da Literatura Infantil.

Mais tarde, a Ministra da Cultura da França, Catherine Trautman recebeu os convidados no Palais Royal, para homenagear os escritores e personalidades brasileiras do livro, conferindo-lhes o título de *Chevalier des Arts et des Lettres*. A Ministra dirigiu-se pessoalmente a cada homenageado, discursando sobre cada um, citando fatos relevantes sobre suas vidas, tanto no âmbito da literatura e do livro, quanto da política, numa demonstração de interesse, e admiração pelo Brasil, por seus intelectuais, empresários e políticos fazendo com que, a cada apresentação, nosso ego brasileiro fosse crescendo, emocionando a todos. Não é pouco, para nossos padrões intelectuais, ver nossos autores serem reconhecidos em um país famoso por seus grandes pensadores e artistas. Ao final da cerimônia, Zélia Gattai, também homenageada, em nome de todos os brasileiros condecorados, agradeceu em francês, com um belíssimo texto, fechando com chave de ouro esse importante momento que ficará em nossa memória como mais uma importante conquista nacional.

O 18º Salão do Livro, situado no Pavilhão de Exposições na Porte de Versailles,

com a imagem do tucano com um livro - marca do Salão criada pelos franceses - desde a entrada e em todo o percurso das alamedas, lembrava aos participantes que a cultura brasileira estava em Paris. De Jorge Amado a Paulo Coelho, passando por Antonio Torres, Autran Dourado, Carlos Heitor Cony, Chico Buarque, Cora Rónai, Dias Gomes, Fernando Gabeira, João Ubaldo Ribeiro, Luis Costa Lima, Luis Fernando Veríssimo, Lygia Fagundes Telles, Marcio Souza, Moacyr Scliar, Muniz Sodré, Nelida Pinõn, Plínio Marcos, Raduan Nassar, Silvano Santiago, Zuenir Ventura e, é claro, por nossos próximos e queridos Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Ziraldo. Os principais jornais noticiaram sobre o Brasil e seus autores durante todo o tempo do Salão com excelentes notícias sobre literatura brasileira e leitura.

Considerando a expressiva produção de exemplares de literatura infantil e juvenil muito, mas muito maior do que a de literatura adulta, a qualidade dos textos produzidos por esses autores, e suas qualidades intelectuais, uma única apresentação pública ficou muito aquém do que a literatura infantil e juvenil merecia. A presença dos autores de literatura infantil e juvenil deveria ser melhor aproveitada, já que muitos franceses que conhecem a literatura infantil e juvenil brasileira, indagavam por mais momentos com eles. Na programação havia somente uma mesa-redonda com os três autores. A sala estava cheia e os autores apresentaram-se através de seus livros. Ziraldo leu o *Flicts* em francês, Ruth distribuiu e leu o texto de *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*, em francês e Ana escreveu um texto sobre a Literatura Infantil e Juvenil e leu um trecho de seu *Bisa Bia Bisa Bel*. Foi uma emoção que contagiou aos presentes, levando-nos a refletir que um país que tem autores como Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Ziraldo e onde a maioria das crianças está lendo os seus

livros, é um país privilegiado e tem que ter esperança no seu futuro.

No estande do Brasil, a exposição dos livros para crianças e jovens, contemplava os 50 títulos selecionados pela FNLIJ e já divulgados no *Notícias* buscando compensar a falta de mais espaço e despertando muito interesse. Além disso, as capas de livros de literatura infantil marcaram presença nos imensos painéis ao alto. Tivemos a oportunidade de estar com Dona Ruth Cardoso, nossa primeira dama, e falar sobre os livros para crianças que ela demonstrou conhecer bem. Na oportunidade, tomamos a liberdade de sugerir que ela liderasse de uma Campanha Nacional em prol da leitura, juntamente com os seus netos. (Tomara que ela pense com carinho na idéia.)

Além da mesa com os autores, participamos também da mesa: Política de Incentivo à Leitura: projetos para a França e para o Brasil. Essa mesa foi coordenada por Glória Pondé, diretora-executiva da FNLIJ de 85 a 86, e que está na França fazendo um pós-doutorado em Leitura.

Participaram da mesa conosco Tania Dauster, representando a Secretaria Municipal de Cultura do RJ, Jason Prado, do Leia Brasil, Max Butlen, representante do governo francês no Brasil participando do Proleitura/MEC e Jean Hébrard, especialista em Leitura.

Fazia parte do programa uma mesa sobre livros para crianças, promovida pela Feira, com o título: "Mitos e realidades do Brasil. Cultura e literatura para crianças e jovens", organizada pelo Instituto Charles Perrault e edições Milan que discutiu os chamados livros documentários que têm como paralelo no Brasil, os livros informativos. A mesa era grande e além dos franceses estavam presentes as brasileiras Glória Pondé, Leny Werneck, ambas no passado ligadas à FNLIJ, além de Edmir Perrotti. A coordenação da mesa foi de

Florence Noville a quem demos entrevista, por telefone, do Brasil, antes de ir para a França, sobre a Literatura Infantil e Juvenil. A matéria saiu no caderno de livros do Le Monde, no dia 20 de março.

A Exposição Cinco ilustradores brasileiros de livros para crianças, dos autores Gerson Conforti, Eliardo França, Angela Lago, Jô Oliveira e Rui de Oliveira fazia parte das atividades sobre o Brasil promovidas pela Casa da América Latina. A curadora da mostra foi Leny Werneck. A exposição estava muito bonita levando muitos interessados a visitá-la e de lá seguiu para Roma.

Pelas esquinas de Paris cartazes com o tucano anunciavam a presença do Brasil na Porte Versailles. As livrarias também marcaram a presença brasileira na França apresentando os livros de nossos autores: nunca faltando Paulo Coelho entre Sergio Sant'Ana, Jorge Amado e outros.

Na visita guiada à nova Biblioteca da França, (éramos poucos), com 4 prédios em forma de livro, ficando, cada um, nas esquinas de uma grande praça que esconde a comunicação subterrânea entre eles, "viajamos" por um espaço arquitetônico moderno, que alia o contemporâneo e o medieval da história do livro com tecnologias ultra-modernas de consulta e recuperação do livro, do texto, tudo o que o pesquisador precisa. As salas de leitura ocupadas por estantes, cadeiras e mesas, algumas ainda sem estarem inauguradas, refletiam um ponto de vista ideal para o leitor passar ali horas seguidas sem sentir desconforto físico. Aliás, essa combinação do velho com o novo nos inebria em Paris sendo o Louvre e a sua pirâmide de vidro a melhor representação.

A lembrança de nossa realidade depois da visita à Biblioteca da França é inevitável e, aí perguntamos: quando nossos dirigentes valorizarão o cidadão comum, a ponto de disponibilizar, para toda a população, o conhecimento humano acumulado e publicado tratando-o com respeito e tecnologia existente e necessária? Quantos brasileiros têm acesso às obras dos artistas de seu país homenageados em Paris?

## ROMA

A caminho de Bolonha o livro infantil fez sua parada em Roma.

Na Embaixada do Brasil, estava exposta, desde 19 de março, a mostra de

ilustradores preparada para a Feira de Bolonha 95, intitulada "*Brasil! a bright blend of colours*". Isto foi possível pois em abril de 1996, no retorno de Bolonha, em uma visita à Embaixada, a secretária Susan Kleebank, do Itamarati, ficou muito interessada em levar a exposição novamente para a Itália. Por seu entusiasmo e determinação a intenção concretizou-se e a exposição foi visitada por escolas e outros interessados.

A "Biblioteca Centrale per Ragazzi" da Prefeitura de Roma, através de Letizia Tarantello, produziu um catálogo sobre a exposição a partir das informações que recebeu da FNLIJ. O catálogo foi custeado pela Prefeitura de Roma e inclui os autores brasileiros que puderam, por conta própria, parar em Roma, e cumprir uma tarde de programações, tanto na embaixada como na biblioteca. A capa do catálogo foi uma reprodução de uma ilustração de Savia Dumont.

Os autores que participaram das palestras foram Ana Raquel, Ana Maria Machado, Luis Raul Machado, Nilma Lacerda e Ziraldo.

Na Biblioteca Dei Ragazzi havia uma turma de 60 professores, alunos da Universidade de Roma, para escutar nossos autores, com apoio da tradução de Marcia Theóphilo, brasileira que vive em Roma. O interesse por nossos artistas foi enorme e à mesa havia 3 ilustradores e uma especialista em Literatura Infantil que nos emocionou ao dizer o quanto conhecia Monteiro Lobato, a Doutora Teresa Buongiorno Veroi, autora do *Dizionario della Letteratura per Ragazzi*. A autora em seu dicionário, publicado em 95, sobre livros publicados na Itália, traz o registro da talvez única tradução de Lobato na Europa, a italiana intitulada *Nasino*. Ela conta que o livro chegou à Itália em 1979 por ocasião do Ano Internacional da Criança e lamenta que os outros livros de Lobato não tenham sido traduzidos para o italiano. Teresa presenteou-nos com o dicionário que já se encontra no CEDOP/FNLIJ para consulta local de nossos associados.

Na Embaixada a platéia foi de brasileiros residentes em Roma ou italianos ligados ao Brasil. Ao final, a TV Italiana gravou a exposição e entrevistou-nos para um programa especial.

Aproveitar a passagem dos autores,

ilustradores e editoras brasileiras na Itália, quando estão a caminho de Bolonha, para palestras, entrevistas e outras atividades é um dos objetivos da FNLIJ para divulgar a cultura brasileira e que, pela primeira vez, conseguiu se realizar. Esperamos que essa oportunidade continue e se amplie nos outros anos.

## BOLONHA

De Roma, finalmente, seguimos para Bolonha

Depois da montagem do estande, que este ano ocupou um local de maior destaque, graças à atenção de Francesca Ferrari, começamos a sentir os ventos favoráveis da presença brasileira em Paris. Muitos sabiam que o Brasil era o país homenageado do 18º Salão do Livro, pois os jornais da Itália e de outros países deram a notícia com destaque.

Nosso estande, viabilizado mais uma vez pela Fundação Biblioteca Nacional, ocupou o espaço de 128m<sup>2</sup>.

Participaram do estande as seguintes editoras: Ática, Atual, Berlendis, Brinque-Book, Cia das Letrinhas, Dimensão, Ed. do Brasil, Formato, FTD, Global, Globo, Lê, Martins Fontes, Melhoramentos, Moderna, Projeto, Salamandra, Scipione, Studio Nobel e AMS-Agenciamento.

E estiveram presentes Ana Maria Machado, Ana Maria Santeiro, Ana Raquel, Flávia Ceccantini, Floriano Tescarolo, Heitor Paixão, Irami B. da Silva, Joana Penna, João Pedro Viana, Luis Raul Machado, Marcos da Veiga Pereira, Márcia Raed, Lino de Albergaria, Graça Paulino, Gilberto Almeida, Maurício de Souza, Paulo Coelho, Rosinha de Recife, Ricardo Feltre, Rubens Filho, Suzana Camanho, Vicente Paz, Waldir Martins Fontes, Walter Weiszflog, Ziraldo e Wilma Alves Pinto. A presença da FNLIJ na Feira de Bolonha/98, foi marcada pela comemoração dos 30 anos da seção brasileira do IBBY, como a FNLIJ é mais conhecida no exterior, através dos materiais impressos, convites, cartazes e catálogo.

O nosso catálogo, bilingüe (português/inglês) veio, novamente, com a chancela do Brazilian Book Magazine da FBN, que contribuiu também com a diagramação, num trabalho muito bonito de Mauro Britto. A capa ficou lindíssima pois foi um presente de Helena Alexandrino especialmente criado para os 30 anos.

A publicação foi presente da Editora do Brasil.

No coquetel, já tradicional, da 6ª feira às 16h, víamos com muito orgulho que a cara de espanto e alegria dos convidados estrangeiros à medida que recebiam um exemplar do nosso catálogo.

Para a entrega do Prêmio Monteiro Lobato - para o Melhor livro brasileiro de Literatura Infantil publicado no exterior, da FBN, que conforme noticiamos aqui, coube à editora Verlag Nagel & Kimche, da Suíça, que publicou *Terra dos Meninos Pelados* traduzido por Ines Koebel, e ilustrado por Roger Mello, por indicação da FNLIJ, Nilma Lacerda preparou um belíssimo texto sobre Graciliano Ramos e Lobato, que estamos divulgando no Suplemento deste "Notícias".

A grande atividade do IBBY, na Feira de Bolonha, nos anos pares é anunciar os vencedores do Prêmio Hans Christian Andersen. Como autor, ganhou Katherine Paterson, americana, que não é ainda publicada no Brasil mas que em breve o será. Ana Maria Machado já traduziu um dos seus livros para a Editora Moderna e a qualquer momento ele estará entre nós.

O ilustrador vencedor foi Tomi Ungerer, da França, já publicado entre nós pela Editora Ática e Autores e Agentes Associados.

Na cerimônia, também foi entregue o Prêmio IBBY-Asahi para o Melhor Programa de Leitura. A presença da japonesa que ganhou o Prêmio, divulgado aqui pelo *Notícias*, emocionou a todos ao contar a história de como decidiu imprimir livros de imagens para crianças cegas, sendo ela mesma portadora da deficiência. No estande do IBBY a seção indiana convidava a todos para o Congresso a ser realizado em setembro em Nova Deli.

Em homenagem à Feira de Bolonha e em especial à sua diretora, Francesca Ferrari, que sempre nos recebe com o maior carinho e atenção, oferecemos um jantar, na noite de sábado. A confraternização mobilizou-nos ainda mais, no sentido de valorizar e reforçar os laços com a Feira de Bolonha, considerada como o local internacional mais importante para a troca e o conhecimento sobre a leitura e o livro para crianças.

A Feira, que é dirigida só a profissionais, criou o Espaço das Crianças, para receber os pequenos trazidos pelos pais já

que não podem entrar na Feira. O Espaço é enorme e há várias equipes de profissionais com propostas diferentes para atendê-los.

A Comunidade Flamengo foi a convidada especial da Feira de Bolonha/98 para apresentar seus ilustradores. Foram selecionados 25 artistas com trabalhos que expressavam, principalmente, a simplicidade do traço e das formas como resultado de uma técnica elaborada. O catálogo produzido por eles encontra-se na FNLIJ para consulta dos nossos associados.

A Biblioteca Internacional de Munique apresentou a exposição "Olá, querido inimigo" com 41 livros de imagem selecionados sob o tema Paz e Tolerância, uma seleção internacional. Da seleção faz parte o clássico de Ruth Rocha, com ilustração de Jaguar *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*. A exposição irá a Ásia: Bombaim, Calcutá, Nova Deli e Colombo.

#### Os Prêmios da Feira do Livro de Bolonha/98 foram:

Ficção: • Infância - *Funfteir sein*, de Ernst Jandl com ilustração de Norman Junge - Alemanha, Ed. Beltz & Gelberg Verlag. • Criança - *Der Sammler der Augenblicke*, de Quint Buchholz - Alemanha - Ed. Carl Hanser Verlag. • Jovem - *Go go my paper plane!*, de Kenshi Yonekura - Japão. Ed. Shiko-Sha., Ltd.

Não Ficção: • Infância - *Collection Nature* de Janet Borg e Mymi Doinet, ilustrações e gráfica, por Pascale Estellon e Anne Weiss - França. Mila Editions. • Criança - *Concerto Clássico* de Kjell Keller, com ilustrações de Oskar Weiss, Suíça. Ed. Zytglogge Verlag. • Jovem - *Du Pays des Amazones aux Îles Indigo* - Atlas des géographes d'orbæ de François Plane, coprodução Bélgica e França. Ed. Casterman e Gallimard Jeunesse.

Prêmio Especial: - *Alphabet*, de Kveta Pacovská - Alemanha. Ed. Ravensburger Buchverlag.

Além disso, houve 9 menções nas respectivas categorias.

O júri internacional do Prêmio foi composto por: Antonio Faeti, Itália, Professor de Literatura Infantil da Universidade de Bolonha, Roswitha Barden, Alemanha, Livreira especializada, Jane Byers Bierhost, USA, desenhista gráfico, Massin, Holanda, gráfico/ diretor de arte.

Além do Prêmio para livros houve o

Prêmio New Media em 13 categorias diferentes, entre elas: referência, criatividade, inovação, geografia, ciência, música, lógica, história, site Internet e Jogo.

Todos os prêmios foram entregues, na noite do primeiro dia, 5ª feira, 2 de abril na recepção que a direção da Feira oferece todos os anos aos participantes.

No Café dos Ilustradores, instalado no local nobre da Feira, em meio a várias mostras de ilustrações, encontravam-se jovens artistas, editores e especialistas do mundo todo numa demonstração de efervescência do livro de qualidade para crianças e jovens. Várias palestras ocorriam em meio ao movimento dos visitantes.

A novidade para os ilustradores este ano foi da parte do Júri. Pela primeira vez, o júri que seleciona os ilustradores para a exposição e que resulta no famoso ANNUAL, catálogo de ilustrações, encontrou-se com as ilustradores, em cena aberta, para falar dos critérios da seleção.

Além disso, dois editores, um americano e outro de Formosa, inovaram ao analisar portfólios de artistas. Nossa Ana Raquel levou o seu portfólio e teve os trabalhos comentados pelos editores, despertando a atenção dos espectadores. Ana criou coragem e explicou, em francês, seu trabalho, conquistando os aplausos da platéia.

Muito ainda teríamos para contar destes quatro pequenos dias, sempre tão importantes no mundo do livro para crianças e jovens.

O que tentamos passar, através desse relato, é pouco perto do que é a Feira de Bolonha, como afirmamos todos os anos nesse nosso relato, que visa despertar em nossos leitores (autores, ilustradores, editores e professores) planos para investirem na ida a Bolonha, com a FNLIJ.

Para aqueles que acreditam que a tecnologia vai "engolir" as relações humanas, Bolonha é a comprovação do contrário. Houve um momento em que se pensou que o fax e o e-mail pudessem substituir a função das Feiras Internacionais. Porém, ao contrário, as feiras crescem, apesar dos meios de comunicação. Por que será? Porque as pessoas precisam se ver, se tocar, ouvir e falar umas às outras.

Nada substitui uma relação humana e o livro é o melhor meio de fortalecê-la e perpetuá-la.

Tchau, até Bolonha 99.

Elizabeth D'Angelo Serra

A entrevista deste número é com os pesquisadores Carmen Lúcia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta, autores do livro *Monteiro Lobato - Furacão na Botocúndia*, da Editora Senac. O livro, além de ser ter ganhado o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro na categoria “ensaio e biografia”, recebeu o Prêmio Jabuti de “o melhor livro do ano de não-ficção”. Nesta entrevista eles falam um pouco sobre como foi o processo de pesquisa do livro e como Monteiro Lobato desperta interesse de crianças e adultos.

## 1. Como surgiu a idéia de fazer uma biografia de Lobato?

A idéia nasceu como uma fotobiografia de pouco mais de 120 páginas, muito ilustrada e apoiada num texto telegráfico. Achávamos que a biografia definitiva já fora escrita por Edgard Cavalheiro pois, até o início da pesquisa, não tínhamos idéia da qualidade e da quantidade de informações novas que encontraríamos pela frente. Isto porque, ao contrário de outros autores, como Mário de Andrade, por exemplo, Lobato não conta com um acervo que reúna, num só local, documentação consistente e organizada. Com exceção de alguns papéis ainda em mãos de familiares e de uma pequena parte da sua correspondência encontrada na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, a grande massa de documentos referente à vida e obra de Lobato está dispersa. Frente a este grande desafio, partimos para o campo, e com surpresa, acabamos descobrindo fontes inéditas e uma vasta documentação interessante, que nos levou a mudar o projeto inicial e, da fotobiografia, evoluir para uma grande biografia ilustrada.

## 2. Como foi o processo de criação? Onde vocês pesquisaram? Quem vocês entrevistaram? Quanto tempo de trabalho?

Nossa primeira fonte, obviamente, foi a obra escrita por Edgard Cavalheiro que, ao lado de uma série de outros livros, artigos, estudos e teses acadêmicas sobre Lobato, forneceu um panorama e o ponto de partida. Essa foi a nossa fonte primordial. A partir dele, acrescentamos muitas outras informações ausentes do seu trabalho, assim como até mesmo corrigimos alguns equívocos. Pois, embora estivesse de posse do arquivo particular de Lobato, na sua época Cavalheiro não dispunha de meios de

checagem ou de pesquisa ao nosso alcance hoje em dia. Além disso, uma coisa é escrever sobre um seu contemporâneo, no presente, como ele fez. Outra, é trabalhar com o passado, como nós fizemos - o que, se por um lado dificulta a obtenção de alguns dados, por outro também favorece e aprofunda a abordagem de diversas questões, que passam a ser vistas e analisadas sob uma perspectiva histórica com a qual Cavalheiro não podia contar. Sua obra tem uma importância fundamental para qualquer estudioso ou admirador de Lobato, mas deixa de fora inúmeros aspectos que nós procuramos incluir no nosso livro.

O segundo passo foi o estabelecimento de uma estrutura prevendo capítulos concisos e autônticos, como se fossem grandes matérias jornalísticas contemplando os diferentes aspectos da trajetória de Lobato. A pesquisa de campo ocorreu, prioritariamente, no eixo Rio-São Paulo, onde o autor passou a maior parte de sua vida. Mas também incluiu, por exemplo, Nova Iorque - onde fomos tentar resgatar sua passagem pela cidade em que viveu durante quatro anos, no cargo de adido comercial do governo Washington Luís. E também - num verdadeiro capricho de pesquisa iconográfica - a reserva técnica do Museu do Louvre, onde conseguimos recuperar o quadro de Charles Gleyre, tão emblemático na vida de Lobato, e que dá nome ao volume de correspondência trocada com Godofredo Rangel. Entre as inúmeras fontes trabalhadas, destacamos o Arquivo Histórico do Itamaraty, no qual encontrava-se a produção - até então inédita - do adido comercial Lobato, e o depósito da Junta Comercial de São Paulo, graças ao qual pudemos reconstituir com precisão sua história de empresário-editor. Não trabalhamos com entrevistas - apenas conversamos

bastante com a neta de Lobato, Joyce - pois achamos que não havia necessidade, uma vez que o material escrito encontrado já fornecia informação mais do que suficiente para refazermos a trajetória lobatiana. Ao todo - do início do projeto até a edição final do livro - levamos pouco mais de um ano e meio.

## 3. Vocês descobriram alguma coisa sobre Lobato que antes era ignorado?

Sim, inúmeras coisas. A começar pela produção do adido comercial Lobato, um material totalmente inédito composto pelos relatórios que ele enviava para o serviço diplomático brasileiro, que fomos buscar no Arquivo do Itamaraty, como já mencionamos acima. Depois, nós explicamos pela primeira vez, detalhadamente, as diversas transformações sofridas pelas empresas editoriais de Lobato, incluindo todo o seu processo de falência. Suas duas prisões foram minuciosamente investigadas, assim como o esquema montado para a busca e apreensão do seu livro infantil Peter Pan por todo o país. Além disso, revelamos um lote interessantíssimo - e igualmente inédito - da correspondência de crianças e de jovens para Lobato. Eram perto de 400 cartas, o que nos possibilitou traçar um perfil do seu público leitor, assim como verificar o tipo de relacionamento estabelecido entre ambas as partes. Uma série de outras informações e documentos que jamais haviam sido expostos foram utilizados, e podem ser encontrados ao longo de todo o livro. Senão, não



teria tido sentido escrevê-lo.

## 4. Vocês acham que Lobato é desprestigiado pela crítica e pelo meio acadêmico?

Até há pouco tempo Lobato, unanimemente tido como um de nossos maiores escritores infanto-juvenis, era visto, pela maioria das pessoas, como alguém de idéias

extremamente conservadoras no campo estético. Recentemente o meio acadêmico começou a questionar esta imagem lobateana, e em nosso livro procuramos também corrigir tal equívoco, fruto de uma historiografia contemporânea surgida nos meios críticos um pouco antes dos anos 40, e tida como uma verdade inquestionável. O fato é que a Semana de 22 e os modernistas, por conta desta construção histórica tendenciosa, acabaram por ocupar todo o cenário, tornaram-se o centro das atenções e fonte privilegiada de pesquisa - inclusive dentro da Universidade - em detrimento de toda uma geração de autores, que ficaram obscurecidos ou caíram no esquecimento. Assim, ao lado de um Lima Barreto ou mesmo de Euclides da Cunha - para ficarmos em apenas dois exemplos - Lobato não vinha recebendo, até agora, o tratamento merecido - o que possibilitou a cristalização de inúmeras inverdades no imaginário nacional.

## 5. O que representou Lobato para sua época?

Lobato foi uma referência para sua época. Como jornalista e escritor, ele era extensivamente lido tanto por adul-

tos quanto por crianças, que através dos seus artigos e da sua literatura entravam em contato com a realidade brasileira e conheciam os problemas nacionais. Foi um bestseller na virada para os anos 20. Para se ter uma idéia, Urupês tirou 9 edições entre 1918 e 1925, esgotando 30 mil exemplares. Lobato revolucionou o mercado editorial do país, editou e impulsionou nomes de autores novatos - que se tornariam consagrados - e como ninguém divulgou a palavra escrita, levando o livro para os mais remotos pontos do Brasil. Na juventude, enquanto estudante de Direito no largo São Francisco, entrou em contato com a obra de Nietzsche e apaixonou-se pelo filósofo alemão, por ele definido como um “semeador de horizontes”, que chegava empurrando a escuridão para longe e iluminando tudo à sua volta. Lobato foi isso: um homem que ampliou os horizontes do seu tempo, com suas idéias claras, objetivas e sempre visando a construção de um Brasil melhor e mais justo.

## 6. E hoje? Lobato é lido pelas crianças e pelos adultos? Como tem sido a reação do público ao livro?

Ainda hoje - e apesar de ter sido tão mal tratado sob o ponto de vista editorial nos últimos anos - Lobato é bastante lido pelas crianças. As escolas indicam seus livros para os alunos os quais, a despeito da linguagem um pouco desatualizada para os dias de hoje, deixam-se cativar pela magia e pelos personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Nosso livro foi muito bem aceito tanto pela crítica quanto pelo público, tendo já esgotado uma primeira edição e havendo recebido o prêmio Jabuti na categoria de Ensaios e Biografias e de Melhor Livro do Ano (não ficção), ambos outorgados pela Câmara Brasileira do Livro. O que, mais do que mérito nosso, demonstra o grande interesse que a figura

de Lobato desperta no público, e o quanto ele ainda está presente no imaginário de toda uma geração que cresceu e se formou lendo e aprendendo com as suas obras. Além disso, temos recebidos muitas manifestações espontâneas de leitores, através de cartas, e-mails ou telefônicas, testemunhando o quanto nosso livro foi importante, para eles, no sentido de reviver e resgatar um personagem que fez parte da sua infância, e ainda encanta seus filhos e netos. Para nós, este retorno tem sido extremamente gratificante.

## 7. Como está sendo a exposição O Mundo encantado de Monteiro Lobato? Ela é baseada no livro?

A exposição, baseada no nosso livro, sob nossa coordenação e esplendidamente realizada por Elifas Andreato e sua equipe, tem obtido um sucesso muito acima das expectativas. Antes da inauguração, a agenda para as visitas das escolas já estava completamente lotada, e o tempo de permanência da mostra no SESC teve que ser prorrogado. Ao deixar São Paulo depois de 38 dias, ela havia sido vista por mais de 300 mil pessoas. Segue para Brasília, Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro, mas há diversas outras cidades - tanto do interior como capitais - do Brasil inteiro reclamando insistentemente sua inclusão no roteiro de “Brasil encantado...”. A mostra é parte do Projeto Memória, criado no ano passado pela Fundação Banco do Brasil e Odebrecht para celebrar personagens e fatos da história brasileira. No elenco de suas iniciativas estão também um vídeo documentário, um site na internet (HYPERLINK <http://www.monteirolobato.art.br>), uma publicação para auxiliar pesquisas escolares sobre a vida e a obra do escritor e, por fim, um livro resgatando o diálogo de Lobato com seus contemporâneos, que será lançado até o final do ano.

# ESPECIAL: MONTEIRO LOBATO

Em julho de 1948, há 50 anos atrás, Monteiro Lobato nos deixava. Este escritor, juiz, editor, fazendeiro, jornalista polêmico, pintor, criador da campanha do Petróleo e porque não dizer professor, nos deixou como herança uma das maiores obras de literatura para crianças, tanto em qualidade como em quantidade: são mais de 30 títulos e sem contar as traduções.

Com a criação do Sítio do Picapau Amarelo Lobato criou um mundo a parte onde a criança pode realmente desfrutar de uma literatura em que a fantasia é a base de tudo: a imaginação, a curiosidade e a irreverência são a mola mestra de todas as aventuras.

Como todo artista de vanguarda Lobato muitas vezes não foi entendido e muitos o criticaram. As escolas, principalmente os colégios católicos, não compreenderam suas propostas e boicotaram

seus livros, chegando até a queimá-los. Muitos pedagogos acreditavam que o escritor era antipatriota por criticar o governo, antipedagógico por ser cético, irreverente, crítico e questionador. É claro que Lobato levanta essas questões e por isso mesmo foi um grande educador, pois estimulou com seus livros o espírito crítico, o pensamento livre de preconceitos, o saber ouvir os outros. Enfim, seus livros ensinam a pensar o que talvez na época, as escolas não desejassem.

Mas hoje, ao contrário, as idéias de Lobato são totalmente integradas com a educação que quer formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Por isso mesmo, a Biblioteca da Escola do Ministério da Educação incluiu a obra de Monteiro Lobato em 20.000 escolas carentes. Este ano muitas escolas estão dedicando suas feiras de livros ao criador do Sítio do Picapau Amarelo,

muitos jornais fazem edições especiais sobre Lobato, a exposição Mundo Encantado de Monteiro Lobato está fazendo o maior sucesso em São Paulo e ainda irá para Brasília, Salvador e Rio de Janeiro.

Esta é uma oportunidade dos professores descobrirem Lobato e estimularem seus alunos a lerem seus livros. Os professores e os pais vão descobrir a atualidade do texto de Lobato e que suas referências a uma outra época servem como curiosidade para o leitor de hoje.

Neste especial do *Notícias* damos várias dicas para professores, pais e crianças se aproximarem dos livros de Monteiro Lobato: um artigo sobre a exposição "Jardim de Imagens e Palavras" da FNLIJ, uma entrevista com os autores do livro *Monteiro Lobato: furacão na botocúndia* e o regulamento do concurso: "Mande uma carta para Lobato"

## EXPOSIÇÃO "JARDIM DE IMAGENS E PALAVRAS"

A exposição Jardim de Imagens e Palavras, que relembra os 50 anos da morte de Monteiro Lobato e comemora os 30 da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, está no saguão do edifício da Rede Manchete, no Rio de Janeiro; inaugurada no dia da comemoração dos 30 anos da Fundação, vem atendendo a escolas e ao público em geral até o final de junho.

Na exposição encontra-se uma cuidadosa pesquisa sobre a vida de Lobato: sua infância em Taubaté com o avô Visconde de Tremembé; sua juventude na capital paulista e o começo da amizade com Godofredo Rangel, com quem se correspondeu durante 40 anos; a vida como fazendeiro; a publicação de *Urupês* e a explosão do *Jeca Tatú*; sua atividade como editor; a luta pelo petróleo; claro, não poderia faltar o principal: seus livros e os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Nessa parte, além de informações, há também uma exposição com todos os ilustradores de Lobato: André Le Blanc, J. U. Campos, Jean G. Villin, Manoel Victor Filho, Voltolino, Belmonte e Rodolpho. Os livros do autor



também estão à disposição do público, colocados num baú, no cantinho da leitura, onde as crianças podem ler confortavelmente.

Na parte de vídeo, a exposição apresenta o documentário "O autor e sua obra" em que Paula Saldanha fala sobre Lobato.

Outra parte interessante é a exibição da exposição "Visões da Emília", realizada originalmente no Centro Cultural Banco do Brasil, contando com ilustrações de Zivaldo, Rui de Oliveira, Jô de Oliveira, Gerson Conforti, Ângela Lago, Roger Mello e Eliardo França, inspirados na famosa boneca.

Sobre a Fundação encontramos um histórico detalhado dos seus 30 anos dividido em tópicos: o início; a FNLIJ e

o incentivo à leitura; seus colaboradores; seus prêmios; seus logotipos; seus suplementos e a divulgação da literatura infantil e juvenil no exterior.

No mês de junho a exposição foi visitada por escolas públicas e particulares do Rio. Crianças de 4 a 14 anos viram a exposição, o vídeo e escutaram trechos das histórias. Depois elas leram os livros sozinhas. Jenny Iglesias, uma das recriadoras, disse que o livro mais disputado foi *O saci*: "As crianças ficavam loucas querendo aprender como se pega saci". Jenny diz que a maioria das crianças conhecia a turma do Sítio pela televisão e que elas ficaram encantados com a boneca Emília que abre a exposição: "As crianças menores perguntavam se ela falava realmente. Nós dizíamos que, por incrível que pareça, a Emília estava um pouco tímida e por isso ela não falava nada", diz Jenny. As professoras também participaram e se interessaram muito pela exposição. Muitas já haviam preparado seus alunos, que chegavam já informados ou com perguntas sobre Lobato. A exposição segue agora para Brasília e Minas Gerais.

## Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil Concurso "Uma carta para Lobato"

Dando continuidade às atividades comemorativas do seu 30º aniversário, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com o apoio da Bloch Educação, lança o concurso para crianças e jovens "Uma carta para Lobato".

Todos os anos o Ministério da Cultura escolhe uma personalidade de destaque no cenário cultural do país para homenagear e chamar a atenção sobre a sua importância para o fortalecimento e desenvolvimento da nossa identidade cultural.

Este ano o escolhido é Monteiro Lobato, por completar 50 anos de sua morte.

Num momento em que a qualidade da educação vem sendo discutida, nada mais oportuno e pertinente, já que Lobato une, na prática, educação e cultura.

Lobato apontou, com sua obra para crianças, o caminho da leitura de qualidade num projeto pedagógico revolucionário e ao mesmo tempo simples: o livro de literatura.

A escrita e a leitura, verso e reverso da mesma moeda, ganham com Lobato, a dimensão plural da obra de arte: ludicidade e conhecimento juntos.

Uma de suas formas preferidas de comunicação era a correspondência. Um concurso de cartas que, ao mesmo tempo, valorize a originalidade da expressão escrita e da ilustração e incentive a leitura da obra lobateana, contribuirá para a formação leitora de nossas crianças e jovens, objetivo maior de Lobato.

### REGULAMENTO

Critérios para inscrição:

- Só serão aceitos trabalhos de crianças e jovens residentes no Brasil, com idades de 6 a 15 anos.

- A carta, seja na forma de texto ou ilustração, deverá conter uma mensagem dirigida a Monteiro Lobato.

- Poderão participar nas seguintes categorias:

Categoria (A) - O melhor texto - Criança (6 a 11 anos)

Categoria (B) - A melhor ilustração - Criança (6 a 11 anos)

Categoria (C) - O melhor texto - Jovem (12 a 15 anos)

Categoria (D) - A melhor ilustração - Jovem (12 a 15 anos)

- Cada participante poderá concorrer em uma única categoria, enviando uma página de papel no formato A4, contendo no verso, dados do participante (nome, idade, série, endereço, CEP, cidade, estado e telefone) e dados sobre a escola (nome e endereço, CEP, cidade, estado e telefone);

- os trabalhos deverão ser enviados, até dia 21 de setembro, à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - Rua da Imprensa, 16 - Salas 1212 a 1215 - 20030-120 - Rio de Janeiro - RJ - Tel: (021) 262-9130.

Julgamento e divulgação dos vencedores:

- A comissão julgadora será composta por especialistas indicados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e pela Bloch Educação.

- A avaliação das cartas levará em conta critérios como :

- Originalidade;

- Fluência na expressão escrita;

- Criatividade na ilustração.

### PREMIAÇÃO

- Os vencedores receberão um acervo de livros doados pela FNLIJ e editoras.

- As escolas dos vencedores receberão uma assinatura anual do *Notícias*, boletim mensal da FNLIJ sobre Literatura e Leitura, e cada biblioteca receberá também um acervo de livros doados pela FNLIJ e editoras.

- A entrega dos prêmios será em outubro, em data a ser divulgada, no Teatro Adolpho Bloch, no Rio de Janeiro.

O Concurso Literário 30 anos da FNLIJ - organizado e coordenado pela Câmara Mineira do Livro - CML - com o objetivo de comemorar os 30 anos de criação da Fundação, premiará com publicação textos inéditos de literatura infantil e juvenil produzidos no Brasil. O concurso foi anunciado na festa dos 30 anos por Maria Antonieta Cunha e agora o regulamento chega às nossas mãos.

As editoras que estão participando do concurso são as mineiras Alis, Compor, Miguilim, Formato Editorial, Dimensão, Lê, RHJ, Mazza Edições. Elas doarão à FNLIJ 3% da venda das edições no período de vigência do 1º contrato da obra.

Aqui estão algumas informações:

### INSCRIÇÕES

1 - As inscrições estarão abertas no período de 01/06/98 à 14/08/98 no horário comercial, na CML, localizada à Rua Carangola, 288 - sala 619, no bairro Santo Antônio - Belo Horizonte - MG - CEP : 30330-240.

2 - O candidato poderá inscrever mais de um original, desde que com pseudônimos diferentes.

3 - Serão considerados inscritos os originais entregues sob protocolo, ou enviados pelo correio, registrados, para o endereço da CML. Para os originais enviados através do correio, será considerada para inscrição a data de postagem.

### CONDIÇÕES

1 - Serão aceitos os originais escritos em língua portuguesa, inéditos, sendo eliminados os já divulgados por qualquer outro meio, no todo ou em parte.

2 - Serão aceitos textos dos gêneros narrativo, poético ou dramático.

3 - os originais deverão ser enviados em 3 (três) vias, datilografadas ou digitadas em um só lado de papel tamanho ofício, com todas as páginas numeradas.

4 - Acompanhando os originais, o candidato deverá anexar envelope lacrado, contendo as seguintes informações:

Externamente: Concurso Literário 30 anos da FNLIJ/Categoria/ Título do original/ Pseudônimo do autor/ Nome do autor; endereço completo, telefone e breve currículo.

5 - É vedada a inclusão de qualquer elemento que permita a identificação do autor.

Mais informações na CML nos tels: (031)-344-4964 - Fax: (031) 344 2944

# 50 ANOS SEM LOBATO

• “Reinações, artes e traquinagens de Monteiro Lobato” será um grande evento com palestras, vídeos e livros no Educandário Monteiro Lobato, em Campo Grande no Rio de Janeiro. A programação é a seguinte: pela manhã, apresentação do Grupo Torre de Papel contando histórias lobatianas; depois a especialista em literatura infantil e fundadora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil Laura Sandroni falará sobre Lobato Editor; em seguida a escritora Luciana Sandroni comentará seu livro *Minhas memórias de Lobato*. À tarde, a professora Fátima Miguez fará a palestra: “O leitor na leitura de Lobato”, e o ilustrador Roger Mello falará sobre “Um Lobato das artes... outras visões.” O preço do encontro é R\$ 25,00 e será dia 18 de julho no Educandário Monteiro Lobato, na Rua Coronel Agostinho, 127, Campo Grande. O telefone para contato é (021) 413-3529 ou 413-3415.

• Vários jornais e revistas têm publicado suplementos especiais sobre Lobato: *A folhinha*, da *Folha de S. Paulo* e a *Veja São Paulo* fizeram ótimas reportagens em abril, mês de aniversário do autor, falando sobre a megaexposição “O mundo encantado de Monteiro Lobato”. O *Jornal de Brasília* também fez um suplemento especial sobre o autor, com artigos de Cassiano Nunes, pesquisador, entrevista com José Roberto Whitaker sobre seu livro *Os filhos de Lobato*, e um artigo sobre a obra de Lobato adaptada para TV e cinema.

## CONGRESSO DO IBBY

O 26º do IBBY  
será realizado entre os dias  
20 a 24 de setembro deste ano,  
em Nova Déli, na Índia.  
O tema será “Paz através dos  
livros infantis.”

## Salão de Livros de Montreuil

O Salão do Livro de Montreuil para crianças e jovens se realizará entre 25 a 30 de novembro deste ano homenageando a América Latina, com grande destaque para o Brasil. A Fundação foi chamada para ser promotora do Salão, além de estar organizando uma lista de livros classificados por temas. Ana Maria Machado já foi convidada para participar do Salão.

## MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Augustus, Berlendis & Vertecchia, BCD União de Editoras, Bloch, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compór, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora 34, Exped, Formato, FTD, Global, Hamburgo Gráfica Editora, José Olympio, Lê, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Paulinas, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHJ, Salamandra, Saraiva, Scipione, SNEL, Villa Rica.

### EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Luciana Sandroni • Revisão: Laura Sandroni • Diagramação: Christiane Mello

Gestão 1998-2001

Conselho Curador: Maria Antonieta Antunes Cunha, José Bantim Duarte, Altair Ferreira Brasil, Rafael de Almeida Magalhães, Ana Lygia Medeiros, Lília Maria Alves  
Conselho Diretor: Regina Bilac Pinto, Marcos Pereira, Salamandra Consultoria Editorial, Laura Sandroni  
Conselho Fiscal: Maria do Carmo Marques Pinheiro, Terezinha Saraiva, Henrique Luz  
Conselho Consultivo: Ana Lygia Medeiros, Antonio Carlos Gomes da Costa, Ezequiel Theodoro da Silva, Celina D. da Fonseca Rondon, Edmir Perrotti, Eliana Yunes, Geraldo J. Pereira, José Mindlin, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figueróa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Manoel Protásio, Paulo Rocco, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e  
receba mensalmente *Notícias*.  
Tel.: (021) 262-9130  
e-mail: fnlij@ax.apc.org

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (021) 262 9130 fax: (021) 240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org

Para este número trazemos a palestra de Nilma Lacerda, apresentada na Feira do Livro de Bolonha, em abril passado. Na ocasião foi entregue pela FNLIJ o certificado do Prêmio Monteiro Lobato de Tradução do DNL - Fundação Biblioteca Nacional para a melhor publicação de autores brasileiros de literatura infantil e juvenil em língua estrangeira. A edição do livro de Graciliano Ramos *Raimundo im Land Tatipirún* (Na terra dos meninos pelados), da Verlag Nagel & Kimche AG, da Suíça, foi vencedora, com as ilustrações a cargo de Roger Mello, indicado pela FNLIJ.

## Graciliano, Lobato e uma Oração da Calábria

Nilma Gonçalves Lacerda

Para a memória de Elza Aurélia Iorio Lacerda,  
minha sogra

Comecemos com uma oração a Santa Margarida.

Santa Margueritha  
Virgem Citá  
Alma a Dio  
Corpo Aguarita  
Pela tua voluntá  
Pela tua Santitá  
Farme vir la veritá  
Cinco cosas me a de dar a 'demonstrar:  
(Estas são cinco respostas boas, positivas)  
Letto corizato  
Taba apparata  
Casa registrata  
Chiesa iluminata  
Vigna carregata  
(Estas são respostas negativas)  
O rio corrente  
O espinho pungente.

É uma antiga oração da Calábria e me chegou através de minha sogra, no caderno de orações que deixou e que minha cunhada, amorosamente, transcreveu para minhas filhas. Mostra-se num idioma macarrônico, um falar que não sendo ainda português, não é mais italiano e para o qual Juó Bananére, um de nossos escritores modernistas, reivindicou o estatuto literário.

Reza-se pela primeira vez às 24 horas do dia 24 de dezembro. Depois então poderá ser rezada normalmente quando se desejar saber alguma coisa que nos preocupa. Deve-se fazê-lo à noite, ao deitar, pois a resposta virá em sonho.

Se o menino Raimundo fosse fazer essa oração, aposto que lhe apareceria no sonho um espinho pungente. Ele não ia se conformar, rezaria de novo no dia seguinte, e lhe viria um fluxo d'água: o rio corrente. Aceitaria de bom grado esta resposta. Marcharia para Tatipirun, sua terra ideal, onde todos os



FNLIJ

Notícias

# Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo n.º 4

meninos são, como ele, pelados, têm um olho azul, outro preto. Danado este Raimundo: republicano, e utópico, dos bons.

A república de Tatipirun tem também os seus defeitos: uma guariba velha que repete sempre um mesmo pedaço de uma história cujo resto já foi esquecido, o leve fascismo do menino chamado Pirengo, o projeto totalitário do menino sardento. Mas lá tudo se discute, todos têm o direito de falar, são ouvidos e as soluções contentam o grupo.

Estou aqui a falar de Tatipirun, Raimundo, Pirengo. Me ocorre que a maior parte de vocês esteja talvez com vontade de ir para dentro do sonho em que Santa Margarida vai mandar a resposta que lhe permita entender do que estamos falando afinal. Não é preciso incomodar a santa. Podemos esclarecer rapidamente de que terra, de que república estamos falando.

Escrita por Graciliano Ramos, em 1937, assim que sai da cadeia nos tempos sombrios do Estado Novo, *A Terra Dos Meninos Pelados* é uma narrativa para crianças com que o autor ganha o prêmio de literatura infantil do Ministério de Educação e Cultura. Conta a história de Raimundo, alvo das chacotas dos colegas por ser calvo e ter um olho azul, outro preto. Conformado a princípio com a situação, experimentando assinar-se Dr. Raimundo Pelado pelos muros, acaba resolvendo ir, certa hora, para a terra de Tatipirun, onde "todos os caminhos são certos"<sup>1</sup> e se aplainam para ele passar. Em Tatipirun, embora muito diferentes entre si, os meninos são todos calvos, têm um olho preto, outro azul, as cigarras tocam suas músicas em grandes discos, as laranjeiras se curvam para oferecer suas laranjas aos passantes. Vindo de Cambacará, Raimundo estranha as vestimentas dos garotos, iguais às teias que viu serem fabricadas pelas aranhas vermelhas, e se vê dentro de um mundo inteiramente plástico, capaz de se comprimir e descomprimir para lhe oferecer conforto físico, conforto moral. Integrando-se gradativamente à terra, Raimundo vai conhecendo Pirengo, Talima, Sira, um menino-anão e Caralâmpia, a menina que virou princesa e tem nos braços pulseiras de cobra coral, no peito um broche de vaga-lume.

Procurando sempre os maquinismos ocultos, preocupado com a lição de geografia, e

retificando a lição de geografia, Raimundo atravessa essa terra toda feita de diferenças, onde se reordenam alguns conceitos que possuía. Apesar de ser insistentemente convidado a ficar em Tatipirun, volta para Cambacará. Tendo partido com o dever de geografia física por fazer, volta com a clareza de uma geografia política a construir, e a lição de aristocracia que lá fora procurar. Em sua viagem, Raimundo não encontrou como resposta nem a cama arrumada, nem a mesa posta, não há casa registrada nem igreja iluminada. E logo no início ele encontra a laranjeira que oferece seus frutos: eis a vinha carregada. Mas, antes, o menino encontra o rio corrente.

Tomado como resposta negativa pelo fiel que busca o apaziguamento, o rio corrente é um símbolo inequívoco de travessia. Aponta para a transformação, conseguida com o esforço de quem nada, enfrentando a corrente. Sofrendo com a zombaria dos outros meninos que atacam nele aquilo que é diferente, Raimundo se põe, como demiurgo, a fazer o mundo:

... desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul.

Um dia em que ele preparava, com areia molhada, a serra de Taquaritu e o rio das Sete Cabeças, ouviu os gritos dos meninos escondidos por detrás das árvores e sentiu um baque no coração.

— Quem raspou a cabeça dele? perguntou o moleque do tabuleiro.

— Como botaram os olhos de duas criaturas numa cara? berrou o italianinho da esquina.

— Era melhor que me deixassem quieto, disse Raimundo baixinho.<sup>2</sup>

Em seguida, o menino fecha um olho, depois outro - e vai para Tatipirun, viver a democracia, conviver com liberdade e respeito. O autor que teve sua *Pequena História da República* censurada pelo Estado Novo pouco tempo depois, já era aqui subversivo. Premiado por quem lhe havia anteriormente tirado a liberdade, Graciliano constrói uma experiência de liberdade em sua narrativa. Caralâmpia é a menina inquietante, querida de todos, que viaja e traz notícias de outras terras. Traz notícias e consola os que choram: "- Não chore, nanico. Na terra que eu visitei ninguém chora, apesar de todos terem oito olhos, quatro azuis e quatro pretos. As árvores têm as raízes para cima, as folhas para baixo e dão frutas no chão. Os frutos são enormes, as pessoas são como aranhas."<sup>3</sup>

O anãozinho chorava por ter dito uma bobagem e os outros zombarem dele. E a bobagem era justamente dizer que a Caralâmpia mentia ao falar das terras

fantásticas. Não se incomodando de ser tido como mentirosa, ela assegura a todos um lugar de acolhimento.

Nos anos 30 e 40, na vigência da ditadura do Estado Novo, Caralâmpia, com suas pulseiras de cobra coral (veneno e imunidade), seu broche de vaga-lume (o brilho apagando a cor parda e a forma sem graça do inseto), deve ter sido tomada como alegoria da liberdade. A menos de dois anos do início de um novo milênio, neste mundo que se desenha de novo, em vários planos e a cada momento, Caralâmpia tem sem dúvida a cara limpa da Tolerância.

Apesar de toda sedução de Tatipirun, de saber que não encontra de novo um mundo como aquele, Raimundo resiste à tentação de ficar: "... Mas tenho obrigações, entende? Preciso estudar a minha lição de geografia." <sup>4</sup>

No final da já mencionada *Pequena História da República*, Graciliano escreve que a melhor formulação da revolução de 30 (que acaba por desaguar no Estado Novo) era conhecer e atender à realidade brasileira. Houve acertos e desacertos, retórica, lugar-comum. E houve sonho, e trabalho: "... estudos sérios, que exigem observação e paciência." <sup>5</sup>

É para isso que Raimundo volta: para seu país real, onde os pelados, de olhos diferentes, não têm direito à paz da existência plena. A felicidade que encontrara em Tatipirun não pode se restringir a ele. É preciso estendê-la a todos os diferentes, num projeto coletivo que traga como lição os valores da democracia, aí se incluindo a fabulação e o imaginário como valores reais nas construções políticas do homem.

Era o que já fazia Monteiro Lobato em 1921, com suas *Reinações de Narizinho*. Luciana Stegagno-Picchio, professora e crítica italiana, profunda conhecedora da literatura brasileira, diz em sua recente *História Da Literatura Brasileira* (1997) que Lobato é responsável pela invenção de "uma nova literatura infantil em língua portuguesa.

*Reinações de Narizinho* (1921, com uma tiragem inicial de 50.500 exemplares e depois, em sua forma definitiva, 1936), *O Saci* (1921), *Viagem ao Céu* (1932), *Caçadas de Pedrinho* (1922-37), são obras-primas sobre as quais se formaram cinquenta anos de infância brasileira, tanto que entre as fontes da cultura dos intelectuais de hoje faz-se igualmente mister indicar, ao lado dos simbolistas franceses ou dos narradores russos ou norte-americanos, o porquinho Rabicó e a sua esposa dividida, a anticonformista boneca Emília, (...) <sup>6</sup>

Claramente empenhado em escrever para crianças, como reconhece Leonardo Arroyo,<sup>7</sup> essa produ-

ção tem em sua obra o lugar de um projeto utópico, respondendo também a uma inquietação que o levou a tentar neutralizar no humor e no *non-sense* com que estruturava suas narrativas infantis a melancolia decorrente de sua compreensão de nossas questões sócio-culturais.

No sítio do Pica-Pau Amarelo, o projeto republicano na literatura para crianças considera, como deseja Graciliano Ramos, o imaginário como o espaço preexistente à realização da democracia: não se faz uma república sem antes sonhá-la. Não vai se fazer bem a república se no sonho que a concebe não estiverem também presentes a crítica, o humor, o *non-sense*.

Autor de obra vasta, autêntica saga para as crianças de toda a América Latina, como bem repara o premiado ilustrador Rui de Oliveira, Monteiro Lobato é um brasileiro infatigável no projeto de construir, pela via da infância leitora, a república brasileira latente e pulsante nos sonhos e nos trabalhos dos melhores entre nós.

Infatigável e às vezes se cansava do humano. Se cansava como nos cansamos nós ao ver que apesar de todos os sonhos e trabalhos de leitores de Lobato, não se conseguiu evitar a ditadura militar nos anos 60. Os estudos da História apontam para o desenho dessa configuração ditatorial na própria queda do Estado Novo, e mais nitidamente no suicídio de Vargas, em 1954. O fato é que às vezes nós nos cansamos, ele, Lobato, se cansava. Uma crônica sua publicada em *Miscelânea* (1946) mostra um momento de profunda depressão, de forte mal-estar existencial, em que o autor confessa:

O homem me repugna. Começo a ter medo desse monstro. Olho com pavor para cada cara que vejo na rua. São monstros de estupidez e crueldade. Quero morrer. Quero ver-me em outro mundo, ou em outra condição. Já vivi muito neste circo romano e não suporto mais. <sup>8</sup>

Este escritor que na visão conceituada de Laura Sandroni "... desmitifica a moral tradicional e prega a verdade individual.", <sup>9</sup> instaurando a liberdade, leva a criança a ver que "... sem coleiras, pensando por si mesma (...) ela pode ser agente de transformação." <sup>10</sup>, esse escritor resolve acender a lâmpada quando a repugnância pelo humano é fardo por demais pesado:

Acendo a lâmpada. Pego um livro. Veríssimo, seu romance dos três meses na América. Encanto-me com sua maneira e estilo, e serenidade de pensamento, e inventiva, e tantas qualidades daquele menino moreno. <sup>11</sup>

Fatigar-se do humano, mergulhar na escuridão. Pegar um livro e acender a lâmpada. Isso é tão contemporâneo, está hoje sobre nossa pele, sobre a pele de todos num mundo em que as fronteiras se cerram e se abrem, se comprimem e descomprimem, e nem sempre generosamente como no país visitado por Raimundo.

Neste tempo de compreensão e aceitação das diferenças, traduzir autores como Graciliano e Lobato para outras línguas é construir o solo de um milênio com a areia da autonomia e tolerância de Tatipirun, o ar livre e democrático do Pica-Pau Amarelo.

Nesta construção, o ilustrador tem papel fundamental. Na tradução de Inés Koebel para a Nagel & Kimche, *Raimundo im Land Tatipirun*, Roger Mello empresta seu talento proteiforme para solidificar a pavimentação. Os traços dançarinos e instigantes dão corpo à fantasia, prendem à página os olhos do leitor, para soltá-los em seguida mais livres, plásticos e inquietos. Na nobreza do negro sobre a página branca a delicada interpretação pictórica provoca o pensamento viajante, requisito imprescindível à projeção de qualquer idéia. Nos traços reconhecidamente brasileiros de Roger pulsa uma fulguração universal que se põe junto do desejo de viajar por outras culturas, reconhecer o mapa da diferença, construir a paz e o respeito cujo desejo é alimentado por boa parte da humanidade.

Nunca rezei a Santa Margarida pedindo a resposta para o que me inquietava. Herege, costumo me dirigir para o humano, buscando os sinais de coragem para transitar em meio às águas turbulentas, as palavras corretas para a compreensão de que o rasgo de espinho traz consigo uma resposta de imunidade. Reconheço, no entanto, que - para muitos - confiar-se à santa nos momentos críticos ajuda a construir uma saúde da alma.

Traduzir literatura é um ato concreto de construção de saúde, de elaboração de tolerância, nos tempos sombrios que atravessamos. É tornar viável o futuro humano, num projeto de viver entre diferenças e em paz.

O futuro. Uma pipa no firmamento.

## NOTAS

<sup>1</sup> RAMOS, Graciliano. *A terra dos meninos pelados*. 7 ed. II. Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1984. p.13.

<sup>2</sup> Idem. p.10.

<sup>3</sup> Idem. p.56.

<sup>4</sup> Idem. p.58.

<sup>5</sup> RAMOS, Graciliano. *Pequena história da República*. In:—. RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 9 ed. Pref. José Geraldo Vieira, il. Moraes. São Paulo: Martins, 1969. p.207.

<sup>6</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p.397-8.

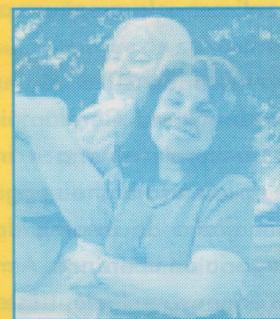
<sup>7</sup> ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. Apres. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 203.

<sup>8</sup> LOBATO, José B. Monteiro. *Miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1946 (Obras Completas, 10) p.169.

<sup>9</sup> SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinacões renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987. p. 53.

<sup>10</sup> Idem, ibidem.

<sup>11</sup> LOBATO, Monteiro. op. cit. p.171.



## Nilma Gonçalves Lacerda

é doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ, professora da UERJ, Votante do Prêmio FNLIJ é autora, entre outros, de *Manual de Tapeçaria*, *Viver é feito a mão* e *As fatias do mundo*.

## Reflexões sobre leitura e lix. Fascículo nº 4

Parte Integrante do  
*Notícias 7/98*

Fundação Nacional do  
Livro Infantil e Juvenil

Responsável:  
Elizabeth D'Angelo  
Serra

Produção:  
Ninfa Parreiras

Fotolito e Impressão:  
PricewaterhouseCoopers